

BOLETIM
DA
ACADEMIA NACIONAL
DE
BELAS-ARTES



XIII

LISBOA

1944



AUTO-RETRATO DE SOUSA LOPES

ADRIANO DE SOUSA LOPES

POR JAIME MARTINS BARATA

RARAMENTE alguém atinge, na vida, a plenitude do seu desejo, como Sousa Lopes. Quis, desde pequeno, ser um grande Pintor — e foi um grande Pintor.

A sua carreira artística foi um desenrolar de vitórias, nem sempre fáceis. Êsses triunfos, e o brilho com que os conseguiu, põem em maior relêvo a perda que a Arte nacional sofreu com a sua morte.

Estudou na Escola de Belas-Artes de Lisboa, onde teve os ensinamentos de Luciano Freire e de Veloso Salgado; e foi, cedo, para Paris.

Nas paredes da aula de Mestre Freire, entre muitas, destacavam-se, ha já vinte anos, as antigas «academias» de Veloso Salgado e as de Sousa Lopes. Numas e noutras havia uma gracilidade inédita e singular, longe da moída tristeza que é, quási sempre, um desenho de Escola.

Não me parece arriscado aproximar êstes dois nomes, e concluir que Sousa Lopes alguma coisa deveu ao contacto com êsse admirável Professor de Pintores que sempre foi o Mestre Veloso Salgado. Estou mesmo em dizer que teria sido êste quem lhe mostrou, espiritualmente, o seu caminho.

Não seria também indiferente, para a formação de Sousa Lopes, a Natureza que êle viu ao nascer: aquela incomparável e colorida região de Alcobça, que os cistercienses, para seu estabelecimento, escolheram entre os bravios do País.

Mas, na verdade, foi a França que o formou. Em Paris se apaixonou para sempre pelo Impressionismo e lá consolidou a sua personalidade, que nunca viria a atraiçoar; exemplo nobre de constância, que é bem o reflexo duma convicção.

Veio do Povo, como Malhóa. Mas a sua Arte, aliás com certas afinidades de origem, situa-se longe da pintura lírica, simples e popular do Mestre eminente de *Festejando o São Martinho*.

A Arte de Sousa Lopes não é carinhosa nem humilde; é cheia de ímpeto, de exaltação e de volúpia; faustosa e aristocrática como a de um veneziano.

Espontâneo, vibrátil, vivo — não no sentido potencial dum Columbano, mas no sentido dinâmico — não podia esperar-se de Sousa Lopes a disciplina do buril ou a calma dum primitivo. Mas pareciam feitos para o seu temperamento fogoso os processos da «água-forte» e a pintura larga e brilhante que sempre usou.

Na «água-forte» foi o Mestre do claro-escuro, violento e veemente, baseado numa construção do volume «ab-imo», sólida e arquitectónica.

Na pintura teve o gosto sensual da côr, viva, faiscante, irisada.

Tendências opostas, que só um real talento podia ligar: o íntimo físico das coisas e o patente; o esqueleto e a epiderme.

Nunca êste impressionista deixou de cuidar o desenho; nunca êste «desenhador-nato» sacrificou a côr à forma.

No meu longínquo tempo do Liceu, numa «Sociedade de Belas-Artes da Caixa Escolar», alguns alunos — e eu entre êles — começavam a desenhar uns gessos e ensaiavam uns passos na aguarela.

Não faltávamos às Exposições de Arte, muito mais raras do que hoje, e estávamos perfeitamente a par do «movimento artístico» de então. Não era êle tão agitado que não pudesse ser seguido pela nossa inexperiência.

Foi por essa altura que Sousa Lopes, chegado de Paris, fêz a sua grande Exposição na Rua Barata Salgueiro. O êxito foi enorme. Para

nós, ela foi, simplesmente, a revelação dum mundo; foi um deslumbramento.

Agora ainda, trinta anos passados, eu evoco fàcilmente essa primeira grande emoção de Arte que eu devi a Sousa Lopes. Muitos factores occasionais concorreriam para ela; outros a teriam limitado ainda; e novos rumos surgiriam em breve. Não importa. Nós estávamos sequiosos por alguma coisa de novo; e, para nós, aquilo era novo.

Os rapazes de agora não compreenderão, talvez, isto — porque não conheceram êsse tempo.

À volta da exposição desenhei, de memória, figuras de Sousa Lopes. Muito mais do que a côr impressionara-me o seu desenho, que eu, pela primeira vez, vi «construído de dentro para fora». Esta idéia, tão exposta, antes e depois de Sousa Lopes, e que eu tão repetidamente havia de ouvir e de ler, como própria essência do cubismo — entrou no meu espírito, luminosa e fresca — de chofre. Não a lera, não a ouvira: vi-a, descobri-a na realização larga e convicta do desenho de Sousa Lopes.

Foi esta a grande revelação que a Arte dêste Mestre trouxe à minha sensibilidade, já de si, por natureza, mais permeável àquele conceito do que ao gôsto da fulgurância da côr.

Mantive fiéis a minha admiração e o meu respeito, anónimos, ao Mestre que tanto me tocara.

Tive depois ocasião de conhecê-lo, e de receber dêle atenções que não se esquecem. E, certo dia, já recente, circunstâncias propícias levaram-me a falar-lhe da inigualável impressão que a sua Arte fizera à minha adolescência. Não esperava, por meu turno, impressioná-lo tanto com isso; e vi, então e depois, que eu lhe dera uma grande alegria. Ainda bem que pude dar-lha.

Ultimamente interessou-se pelo «fresco» e dedicou-lhe alguns anos de estudos.

Surpreenderá, naturalmente, a inclinação dêste espírito exuberante

de Pintor por um processo julgado pobre de recursos, de possibilidades cromáticas e que exige uma disciplina rígida.

Mas logo se compreende quando se disser que o Mestre queria dêste processo, de incomparável sedução, mais do que é comum pedir-se-lhe. Exigia mais «corpo» à tinta de água e propunha-se arrancar-lhe (na sua concepção opulenta da Pintura) a «fosforescência da côr» — como êle dizia — e que era sempre um dos seus objectivos. E tudo isto, julgado por alguns incompatível com o processo, é possível. Atesta-o Doerner. E o Mestre pensava tê-lo já conseguido.

Há muito que Sousa Lopes se dedicara à grande decoração, para que o seu espírito viril instintivamente o chamava.

Pode dizer-se que foi êle quem abriu, aos artistas portugueses, o caminho da decoração moderna, integrada na Architectura; largo caminho onde cabem tôdas as tendências e todos os temperamentos.

Fêz as grandes pinturas da guerra de 1914, para o Museu de Artilharia, e o tríptico dos *Moliceiros*, que revelou em Portugal a arte do «*buon-fresco*». Êle próprio considerava os *Moliceiros* como um ponto culminante da sua renovação artística.

Encarregara-se, por fim, dos «frescos» para o Salão Nobre do Palácio da Assembléa Nacional, em cujos painéis evocava alguns dos mais gloriosos passos da nossa História. Expôs, há poucos anos, com um grande e legítimo êxito, os cartões e os ensaios de côr para esta obra, que o absorvia.

Mas não chegaria e completá-la. Adoeceu. O corpo não podia acompanhar a vontade nem o espírito. Supremo drama, o dêste Artista, sentindo escapar-se-lhe das mãos a integridade da Obra para a qual viveu alguns anos e que êle considerava como que o fecho da sua missão.

Há dois anos já êle estava doente; mas ainda lhe ouvi dizer, num corredor do Palácio da Assembléa: «Estou um pouco cansado, mas não deixo de trabalhar com o mesmo entusiasmo; só sei trabalhar assim».

E assim continuou a trabalhar. A doença perseguia-o, porém. E teve, finalmente, de dividir o trabalho de execução, superior, materialmente, às suas fôrças.

Já estava perto, a Morte inesperada. Mas deu-lhe ainda tempo para completar os últimos estudos e os preparativos finais, que permitem assegurar a conclusão da Obra do grande Pintor, Obra que a Nação não pode perder.

A família do Mestre Sousa Lopes não poderia encontrar mais bela forma de honrar a memória do Artista do que aquela que imaginou: a oferta, ao Estado, de todos os trabalhos — algumas centenas — deixados pelo Pintor.

Vai esta Academia, no próximo Outono, promover a sua exposição integral. O gesto admirável daquela ilustre Família vem assim dar ocasião a que seja apreciada, na sua grandeza e no seu esplendor, a Arte poderosa do Mestre Adriano de Sousa Lopes.